

INTERNACIONAL

Animal

Veja tudo o que aconteceu na conferência de Direitos Animais mais importante dos Estados Unidos e confira a entrevista exclusiva com um dos fundadores do Greenpeace, Paul Watson

Texto e Fotos: **Jaqueline B. Ramos**

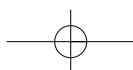
A relação do veganismo com o controle do aquecimento global, estratégias para derrubar o AETA (Animal Enterprise Terrorism Act), emenda aprovada pelo Congresso dos EUA em 2006 que considera ativistas como terroristas, e o apoio ao movimento de Direitos Animais declarado pelo candidato a presidência dos EUA/2008 Dennis Kucinich, que (pasmem!) é vegano. Estes foram alguns temas de destaque da Animal Rights 2007, conferência que é ponto de encontro todos os anos de ativistas de direitos animais dos Estados Unidos. No evento se discute e trocam-se idéias sobre os avanços e as principais questões que permeiam o movimento no país e algumas experiências estrangeiras.

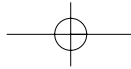
A Animal Rights foi idealizada pela organização sem fins lucrativos FARM (Farm Animal Reform Movement) e é realizada há 15 anos (entre 1981 e 1987, em 1997 e todos os anos desde 2000). A conferência de 2007 aconteceu de 19 a 23 de julho no hotel Westin LAX, em Los Angeles (a cada ano o evento é realizado numa costa americana, se revezando entre as cidades de Los Angeles e Washington) e contou com aproximadamente mil participantes de todo os Estados Unidos. E, este ano, bateu o recorde em número de

participação de outros países: foram 10, entre eles o Brasil (o nutricionista George Guimarães, da nutriVeg e do VEDDAS, fez uma apresentação sobre a legislação brasileira de direitos animais em um dos painéis da conferência – veja mais na página 50), a China, o México, a Índia, a Etiópia e a Austrália.

Nos cinco dias de conferência o clima foi de integração e, principalmente, acesso a muita informação sobre as últimas conquistas e desafios em prol dos animais em todas as áreas de atuação (produção, laboratórios, entretenimento, ações diretas etc) e sobre veganismo, considerado, por unanimidade, a forma mais prática de respeito aos direitos animais. Foram mais de 100 palestrantes de 70 entidades diferentes falando em 120 sessões e plenárias ao final de cada dia. Entre eles ativistas famosos, como Paul Watson, fundador da Sea Shepherd Conservation Society (veja entrevista exclusiva na página 52), mundialmente conhecido por suas ações diretas e arriscadas contra a caça de baleias na Antártica, e Howard Lyman, um ex-fazendeiro que se tornou vegano e falou abertamente sobre suas idéias no popularíssimo programa da Oprah Winfrey e, que hoje, se dedica a divulgar o veganismo como uma questão de sobrevivência do planeta.

Além das sessões e plenárias, os





Rights 2007

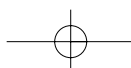
participantes tiveram a chance de visitar uma feira que contou com cerca de 90 expositores de roupas, acessórios, comida vegana e literatura e assistir a 50 vídeos-documentários sobre abuso contra animais e ações de defesa. A organização da conferência também preparou uma noite especial com o serviço de um jantar vegano oferecido pelo hotel, um leilão beneficente e entrega de prêmios para ativistas e personalidades que adeptos ao movimento, como o músico John Feldmann, guitarrista e líder da banda Goldfinger, que divulga o veganismo através de sua música e apóia abertamente movimentos como o SHAC (Stop Huntingdon Animal Cruelty) e a ALF (Animal Liberation Front, Frente de Libertação Animal, em português), este último conhecido por suas ações diretas em laboratórios.

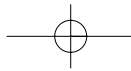
Mas um dos pontos altos da conferência foi a crítica coletiva ao Animal Enterprise Terrorism Act, tema de várias palestras e de uma série de workshops. "Um dos destaques este ano foi o reforço da importância da defesa da liberdade de expressão particular e dos grupos ativistas, que fica ameaçada com o AETA", diz Alex Hershafft, presidente da FARM e idealizador da Animal Rights, se referindo ao avanço nas discussões sobre as estratégias do movimento para unir forças e conseguir anular a emenda que coloca qualquer pessoa ou organização de defesa de animais no mesmo nível de terroristas, punindo inclusive protestos pacíficos.

Feira: diversas ONGs mostraram suas campanhas e produtos pró-veganismo



Conferência: Ao todo foram 120 sessões e plenárias durante os cinco dias de evento





INTERNACIONAL

DIREITOS ANIMAIS E MEIO AMBIENTE

Outro destaque da Animal Rights 2007 foi a declaração oficial de apoio aos direitos animais dada por Dennis Kucinich, candidato à presidência dos

EUA em 2008 e um dos únicos congressistas americanos adeptos da dieta vegana. Através de uma áudio-conferência, Kucinich falou para um auditório lotado sobre as suas crenças e o seu comprometimento no cenário político a favor da sustentabilidade para a preservação de todas as espécies de vida e do meio

ambiente. "Tratar mal os animais reflete na paz do mundo", afirma o candidato, ressaltando que ser vegano não somente rendeu melhorias à sua saúde, mas também reforçou o fato de acreditar que todas as espécies de animais são sagradas.

O discurso de sustentabilidade e com tiradas de visão holística de

Repressão à libertação animal: evidência de força e um sinal de alerta

Por **George Guimarães**

Um evento como a Animal Rights Conference – que, em cinco dias, realiza 120 palestras e oficinas, além de possibilitar o acesso a materiais de mais de 70 entidades ali representadas – é uma oportunidade rara para se aprender sobre fatos e estratégias que podem impulsionar o nosso trabalho enquanto ativistas.

Além das salas de palestras, há os corredores por onde circularam mais de mil participantes. Na minha experiência deste ano, este foi o local de maior aprendizado. É ali que podemos conhecer as pessoas que estão por detrás do palestrante, e os ativistas individuais, que estão por detrás do movimento.

Como em todos os anos anteriores, foi uma experiência gloriosa estar entre tantos ativistas, desde as figuras lendárias aos que chegaram há pouco tempo, mas já acumulam muitas conquistas e dificuldades vencidas, pessoas que se dedicam inteiramente à causa e estão fazendo a diferença pelos animais. Quando nos dedicamos a uma batalha abraçada por relativamente poucos em nossa sociedade, somos capazes de encontrar o aprendizado em cada experiência e história compartilhadas, desde os pequenos dilemas pessoais aos grandes atos heróicos vividos por companheiros que se dedicam à mesma batalha a que nos dedicamos.

A pergunta que eu fazia a mim mesmo, enquanto interagia com os meus colegas de outros continentes, era: como entender o momento atual do movimento pelos direitos animais nos EUA? Para isto, eu busquei entender quem são as pessoas que estão fazendo a diferença pelos animais e como elas estão lidando com os conflitos que se apresentam como inevitáveis neste momento histórico da luta pela libertação animal.

Em teoria, já me era conhecida a repressão crescente aos ativistas na Europa e nos EUA, sendo que, no último, esta repressão organizada se concretizou na forma do AETA, uma lei aprovada no ano passado pelo Congresso norte americano

que classifica os ativistas pelos direitos animais como terroristas, outorgando às autoridades a mesma liberdade de ação, inclusive a violação da privacidade e de outros direitos constitucionais, que já é concedida quando do combate a ações verdadeiramente terroristas. Esse é um bom ponto de partida para começarmos a refletir sobre como estão as mentes e os corações dos ativistas nos EUA, uma reflexão

É comum os palestrantes se dirigirem, em tom sarcástico, durante uma palestra, aos agentes do FBI presentes...

importante para os brasileiros, que também poderá, em um futuro não muito distante, encontrar na mesma situação.

É comum os palestrantes se dirigirem, em tom sarcástico, durante uma palestra, aos agentes do FBI presentes na platéia. Ora, se a Frente de Libertação Animal (ALF) é considerada pelo FBI a ameaça doméstica número 1 (logo acima da Al Qaeda), seria no mínimo ingênuo pensar que um evento dessa natureza não estaria sendo monitorado pelas autoridades. Histórias de agentes federais que foram descobertos infiltrados no movimento não são incomuns. E na prática, muitos ativistas têm amigos que estão presos por terem simplesmente falado contra as empresas que exploram os animais. Estamos nos referindo à repressão e ao encarceramento de ativistas, não por terem se envolvido em ações que poderiam ser classificadas como atos criminosos, mas à perseguição a ativistas que fazem campanhas pacíficas e de caráter informativo contra as empresas

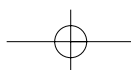
que lucram com a exploração animal.

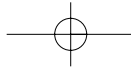
O clima de repressão, no entanto, não parece intimidar os ativistas. O fato de alguns estarem presos obviamente limita a sua presença no movimento, mas não há uma notável intimidação daqueles que estão livres e atuantes. O que se vê, sim, é uma tensão, e isto se evidencia nas ações mais cotidianas. Tarde da noite, na mesa do bar com Jerry Vlasak (assessor de imprensa da ALF) e outros ativistas que adotam ações de maior impacto, entre uma sessão de piadas e a lembrança de momentos memoráveis dos quais eu não participei, fala-se também do novo software que apaga todos os dados do disco rígido caso a senha não seja informada corretamente. Isto para o caso de o equipamento ser apreendido pelas autoridades, o que, depois do AETA, pode acontecer com mais facilidade do que antes. Outras coisas não são faladas, simplesmente. Assuntos que não temeríamos falar entre colegas de mesmo ideal numa mesa de bar às 2 horas da manhã, mas sabe-se de outros que estão com problemas porque um ato tão inocente e seguro como este estava sendo gravado por outro suposto colega.

No ônibus que se dirige a uma manifestação cujo destino não foi previamente divulgado, não é permitido tirar fotografias. Isto porque muitos dos ativistas



Protesto pacífico: Nos EUA, somente com a presença de um advogado





Kucinich foi o gancho para um outro assunto extremamente importante tratado na conferência este ano: a relação da dieta vegana com o controle do aquecimento global. Em outras palavras, a relação dos direitos animais com o equilíbrio ambiental do planeta. Ou simplesmente pode ser lido como Ativismo e Ambientalismo, o

que um tem a ver com o outro? A resposta concluída foi: tudo. "Eu acredito que muitos veganos fazem a opção pela dieta pensando nos animais apenas. No entanto, eles acabam ajudando na melhoria de sua saúde e da saúde do planeta. Infelizmente muitos líderes ambientalistas ainda não se deram



Pena cumprida
Peter Young, que cumpriu 2 anos de prisão por tramar a libertação de mais de 8 mil chinchilas, e George Guimarães

permitem-se participar de protestos apenas com os rostos cobertos. Poucos minutos depois do início do protesto, a polícia está lá, armada com uma câmera que filma cuidadosamente os rostos de cada um dos ativistas que escolheram não cobri-lo. Parece praticamente impossível fazer um protesto nos EUA sem a presença de um advogado. Nesta manifestação específica havia dois, devidamente identificados como tais. Nessa vizinhança podemos usar o megafone, na outra não. Passado o horário das cinco da tarde, é preciso auferir o volume do barulho que estamos fazendo para que ele não exceda o permitido, pois a polícia está fazendo o mesmo com o seu equipamento. Em algumas cidades é permitido ficar parado em frente à residência onde mora o alvo do protesto, já em Los Angeles os manifestantes têm que ficar dando voltas no quarteirão. É uma verdadeira batalha técnica, organizada para restringir, com bases legais, o direito à livre expressão garantido na Constituição daquele país. E por que as autoridades iriam querer fazer isto? Por que a repressão a um movimento que não deseja conquistar nada além daquilo que é justo? Porque o trabalho dos ativistas pelos direitos animais nos EUA já conquistou uma força grande o suficiente para ferir o interesse de indústrias poderosas (como a indústria farmacêutica e a pecuária) que baseiam suas

importância do apoio que recebeu enquanto estava preso e dos seus planos para o futuro. Ele me contou que, enquanto estava na prisão, fazia as contas de quantas horas estava cumprindo para cada animal que libertou: são poucas horas para cada animal, o que ele declara não ser um grande sacrifício

“ ...o trabalho dos ativistas, nos EUA, já conquistou uma força grande o suficiente para ferir o interesse de indústrias poderosas...”

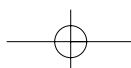
diante da tortura e miséria que esses animais teriam que enfrentar se ele não os tivesse libertado. Kevin Kjoonas, condenado no ano passado a seis anos de prisão por ter liderado uma campanha informativa contra o laboratório Huntingdon Life Sciences, que tortura e mata 500 animais todos os dias em experimentos encomendados pela indústria, foi homenageado durante a sessão de encerramento do evento.

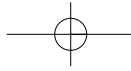
Enquanto os ativistas que estão vivendo sob pressão não deixam de falar e lutar por

aquilo em que acreditam, a pressão parece apenas aumentar. Com isso, não podemos esperar nada menos do que mais pressão e mais repressão no futuro e quanto a isso parece não haver mais saída. O movimento pelos direitos animais nos EUA e na Europa já se configura como um verdadeiro movimento de justiça social, o que na verdade ele sempre foi. O movimento pela libertação animal afeta diretamente os interesses econômicos das indústrias que dominam a economia em todo o mundo e o sistema organizado fará de tudo para voltar suas armas contra os que pretendem mudar o *status quo*.

Observar a força do movimento pela libertação animal no exterior, evidenciada pela repressão declarada e organizada para derrotá-lo, é como olhar para o futuro do movimento no Brasil. Não devemos ser ingênuos em pensar que esta será uma luta mais fácil do que foram as lutas de outros movimentos sociais. Podemos querer acreditar que o mundo e a sociedade conspiram para que a vitória seja nossa, simplesmente porque a nossa luta é uma luta justa. No entanto, sabemos que as lutas pelos direitos das mulheres, das crianças, dos negros e dos trabalhadores também foram lutas justas, mas nem por isso foram fáceis ou isentas de sacrifícios e baixas. As histórias dessas lutas nós conhecemos, pois elas estão escritas no passado e podemos desfrutar de suas conquistas no presente.

Se quisermos que, no futuro, aqueles a quem defendemos encontrem um presente melhor, deveremos (enquanto ativistas que lutam por ideais que são, em essência, comuns aos ideais dessas outras lutas) estar preparados e fortalecidos para lutarmos contra o que se apresentará entre nós e este futuro que almejamos. A história nos prova que as lutas por direitos sempre vencem. No que diz respeito aos direitos animais, é apenas uma questão de tempo até a vitória, e a distância entre o agora e tempos melhores é determinada pela dedicação, empenho e sinceridade com que cada um de nós abraça essa luta.





INTERNACIONAL

Entrevista com Paul Watson – "Sou um ambientalista"

O capitão Paul Watson é uma das figuras mais respeitadas e controversas tanto no meio ambientalista como no do direitos animais. Fundador da Sea Shepherd Conservation Society, Watson participou de suas primeiras ações de protestos no final da década de 60, inclusive das que deram origem ao Greenpeace. Numa operação em 1975 testemunhou de seu barco uma situação que mudaria sua vida para sempre: a morte de uma baleia caçada por soviéticos. Desde então, se dedica à defesa destes e de todos os outros animais marinhos através de ações diretas contra baleeiros e caçadores. E chama esse trabalho de ambientalismo, e não de ativismo.

Da saída do Greenpeace – há quem diga que ele foi expulso por divergência de táticas – a discursos nos quais afirma sem titubear, por exemplo, que um ambientalista que não suporta o vegetarianismo é um hipócrita, Watson coleciona atitudes e afirmações apoiadas por muitos e criticadas por outros. "Recebemos o rótulo de piratas do mar e não tenho medo de dizer que tenho muito orgulho disso. Um pirata resolve por ele mesmo, sem receber ordens do Governo. Nossa missão é salvar o planeta. Nossos clientes são os animais", dispara para a platéia da Animal Rights sob aplausos.

Em 2007, a Sea Shepherd completa 30 anos e Paul Watson e sua tripulação se preparam para voltar ao mar em ações no Japão e nas Ilhas Galápagos, no Equador. Entre um intervalo e outro das sessões da conferência, o capitão deu esta entrevista para a **Revista dos Vegetarianos**:

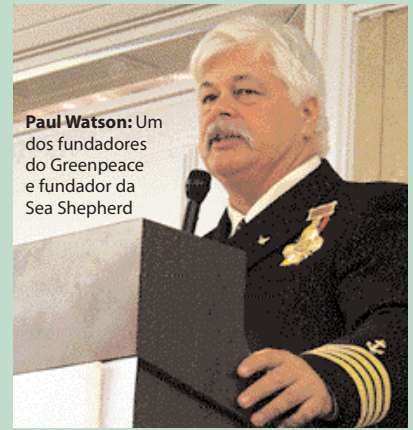
Na sua opinião, quais foram as principais mudanças no movimento de libertação animal que ocorreram da década de 70 até hoje?

Na verdade o movimento mudou bastante. Nos anos 70, por exemplo, as pessoas não sabiam o que era um vegano. Atualmente já é um termo bem mais conhecido e aceitável, o que representa uma grande mudança. Além disso, também não é difícil achar bons restaurantes veganos em todas as grandes cidades do mundo. O movimento avançou tremendamente rápido e cada vez mais pessoas estão ingressando na comunidade vegetariana. Eu acredito que por volta do ano 2020 o mundo será majoritariamente vegetariano. Aí as pessoas lembrarão da cultura do século 20 como algo bárbaro e primitivo, de um tempo em que as pessoas comiam carne.

A conexão entre movimentos ambientalistas e de direitos animais seria um dos grandes desafios do momento?

O que acho mais importante é o movimento ambientalista reconhecer um fato que é a base de tudo: ninguém é ambientalista se não apoiar o vegetarianismo.

Uma coisa está intimamente ligada à outra. A indústria da carne emite mais gases de efeito estufa que a indústria automobilística. Quando você come um bife está também levando para a mesa milhares de galões de água. E ainda assim o movimento ambientalista, de uma forma geral, se nega a assumir isso. Todo mundo se diz ambientalista até que se impacte sua zona de conforto ou se ameace seu estilo de vida. A Sea Shepherd é um grupo



Paul Watson: Um dos fundadores do Greenpeace e fundador da Sea Shepherd

Divulgação

conservacionista que defende questões de direitos dos animais e algumas vezes acabamos sendo julgados como radicais. Mas na verdade é nisso que consiste o trabalho de conservação. Não me considero um ativista de direitos dos animais. Sou um ambientalista.

Nas reuniões da Comissão Baleeira Internacional e da Convenção sobre o Comércio Internacional das Espécies Ameaçadas de Extinção, em maio e junho desse ano, a atuação da Sea Shepherd e de outras organizações garantiu a proteção das baleias com a sustentação da proibição da caça. Qual é a importância disso para o movimento?

Nossa principal vitória em prol das baleias foi em 1986 com a instituição da moratória global contra a caça. Mas infelizmente 18 mil baleias já foram mortas pelos japoneses desde então, o que demonstra que lidamos

conta da importância da dieta vegana", ressalta Hershaf, tratando este papel de equilíbrio do veganismo como um outro ponto forte do evento.

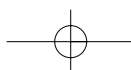
Saurabh F. Dalal, presidente da

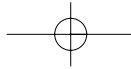
União Internacional Vegetariana – América do Norte, fez uma apresentação sobre a influência da atual dieta onívora adotada pela humanidade nas mudanças climáticas em uma das plenárias principais que ajudou a enriquecer ainda mais a discussão de Direitos Animais e Meio Ambiente. "Ser vegano é fundamental, mas precisamos rever ainda mais nossos hábitos de consumo. Temos realmente que nos tornar mais verdes", alertou Dalal, que foi agraciado com uma placa de reconhecimento por seu trabalho de multiplicação de idéias de vegetarianismo e ativismo iniciado em Washington, DC e que hoje abrange os Estados Unidos e outros países.

Retratando em números, a própria Organização das Nações Unidas, através de relatório oficial de 2006, já demonstrou e divulgou o fato de que a criação industrial de animais é responsável por aproximadamente 18% das emissões de gases de efeito estufa. Em termos comparativos, esse número é maior, por exemplo, que o das emissões geradas pelos meios de transporte. Ou seja, a grande quantidade de carros representa um problema, mas já está provado que a dieta onívora globalizada tem impacto negativo ainda maior no aquecimento global. A solução para mudarmos esta situação? Dalal sugeriu a divulgação das vantagens da dieta herbívora como uma das estratégias de



Homenagem
Presidente da IUV norte-americana é reconhecido pelo seu trabalho





com uma atividade ilegal. A conquista esse ano foi termos conseguido manter a ilegalidade, o que ajuda muito, por exemplo, no controle do tráfico da Islândia e Noruega para o Japão. Mas as regras ainda precisam de mais força e é nesta linha que procuramos atuar. Não somos uma organização de protesto. A estratégia da Sea Shepherd é ir a campo para garantir a aplicação das leis internacionais de conservação e todas as suas regulamentações. Nossos protestos são até bem conservadores (risos).

Qual seria a melhor maneira de falar com consumidores em geral, pessoas que não são vegetarianas ou veganas, para passar a mensagem de que o ambientalismo começa pela boca?

A melhor maneira é assustá-los começando por esclarecer em que consiste a sua comida (risos). Há níveis aceitáveis de ingestão de algumas substâncias duvidosas contidas em alimentos industrializados e o consumidor não se dá conta do impacto disso. O mais importante é explicar o que as pessoas estão fazendo para a sua própria saúde. A maior parte dos problemas de saúde nos EUA e em outros países poderia ser resolvida simplesmente com uma mudança de dieta.

Você acompanha os trabalhos da Sea Shepherd no Brasil?

O Instituto Sea Shepherd Brasil é independente e administrado por brasileiros para tratar de questões locais. Eles tomam todas as decisões e estão muito envolvidos em ações de combate à pesca ilegal, um



trabalho o qual incentivamos e encorajamos o desenvolvimento por parte de cada grupo localmente em seus países. Temos alguns integrantes brasileiros fazendo parte da tripulação de nosso navio principal e, numa das vezes que fui ao Brasil, tive a chance de participar de operações em Fernando de Noronha. Basicamente trocamos informações e apoiamos as ações uns dos outros.

Há regras de vegetarianismo para os integrantes da Sea Shepherd e de suas representações em outros países?

Não temos nenhuma regra específica de vegetarianismo para os integrantes. A Sea Shepherd internacional tem duas regras que obrigatoriamente devem ser seguidas: não se pode fazer nada que vá ferir pessoas e não fazemos acordos com os opositores. Porém, não abrimos mão da refeição nos navios, que são veganas. Por isso, quem embarca acaba sendo vegano. Servimos ótimas refeições e acreditamos que as pessoas têm a chance de experimentar e fazer suas próprias escolhas. Não acho que temos que forçar as pessoas a serem vegetarianas, mas sim dar bons exemplos para serem aplicados naturalmente por cada um.

mitigação dos desequilíbrios ambientais, ressaltando a importância do trabalho do ativista.

"Além de mudanças no atual modelo energético, pensando numa escala mais generalista, é necessário trabalhar na conscientização das pessoas sobre estes fatos relacionados à sua alimentação. O resultado será uma mudança de comportamento e hábitos em larga escala, ingrediente principal para uma mudança de modelo da dieta global", explicou Dalal. Seja no cenário da relação do ativismo com o meio ambiente ou nas controversas áreas de produção e experimentação com animais, pode-se afirmar que uma das principais reflexões deixadas pela Animal Rights

2007 para seus participantes é a seguinte: cabe aos ativistas divulgar informações e fazer esclarecimentos para o público em geral. Como bem ressaltou Michael Budkie, diretor da organização SAEN – Stop Animal Exploitation Now (Pare a Exploração Animal Agora), "as pessoas simplesmente não sabem o que acontece nos bastidores. Nós devemos dar a elas as informações. Esta é a nossa missão."

Saiba mais:

FARM • www.farmusa.org
 Conferência Animal Rights • www.arconference.org
 Equal Justice Alliance • www.noaeta.org
 IVU (União Internacional Vegetariana – América do Norte) • www.ivu.org/vuna

